

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



LISBOA | UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

---

**Intelectuais portugueses e a ideia de esquerda num tempo de transição (1968-1986).  
Os casos de António José Saraiva, Eduardo Prado Coelho e João Martins Pereira.**

João Carlos dos Santos Moreira

Programa Interuniversitário de Doutoramento em História:  
mudança e continuidade num mundo global

Orientadores:

Doutora Maria Luísa Brandão Tiago de Oliveira, Professora  
Associada, ISCTE-IUL

Doutor Rui Manuel Bebiano do Nascimento, Professor  
Auxiliar, FL-UC

Novembro, 2022

# Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo .....	v
Abstract.....	vii
Glossário de siglas.....	xi
<b>Introdução</b> .....	1
Objeto e objetivos .....	1
Questões e estrutura do trabalho.....	5
Estado da Arte .....	8
Soluções de metodologia.....	18
<b>Capítulo 1. Contextos</b> .....	29
1.1. Uma nova Europa.....	29
1.2. Um país diferente entre o passado e o futuro.....	36
1.3. Os intelectuais e os caminhos da teoria europeia.....	47
1.4. António José Saraiva, João Martins Pereira e Eduardo Prado Coelho.....	69
<b>Capítulo 2. Diálogos com o marxismo</b> .....	89
2.1 Os clássicos.....	92
2.2 O adjetivo “científico” e o sentido da História .....	109
2.3 Internacionalismo e luta de classes .....	124
2.4 Infraestrutura, superestrutura e dialética .....	136
2.5 Marcuse, Sartre e Althusser .....	151
<b>Capítulo 3. Derivas e (im)possibilidades do socialismo</b> .....	159
3.1 A União Soviética e os países do Pacto de Varsóvia .....	165
3.2 A China, Cuba e o eurocomunismo.....	184
3.3 O socialismo e a utopia.....	191
3.4 A transição .....	210
3.5 A hipótese do fim do socialismo e da utopia .....	219
<b>Capítulo 4. Olhar a esquerda e as esquerdas em Portugal</b> .....	237
4.1 Nas oposições ao Estado Novo .....	244
4.2 O lugar do Partido Socialista .....	255
4.3 O papel do Partido Comunista Português.....	272
4.4 As outras esquerdas e a hipótese de uma esquerda-outra.....	282
4.5 A esquerda entre o ser e o dever ser.....	296
<b>Conclusão</b> .....	327
<b>Fontes</b> .....	339
<b>Referências bibliográficas</b> .....	347

# Introdução

## Objeto e objetivos

Em 1983, a revista *Plural* – publicação mensal, dirigida por Francisco Salgado Zenha, que procurava ser um «polo congregador e dinamizador dos conhecimentos e das capacidades das áreas da esquerda democrática»<sup>1</sup> – expôs um debate que envolveu, entre outros, António José Saraiva, Eduardo Prado Coelho e João Martins Pereira. À discussão a revista deu o título «Em Busca da Esquerda». Numa época de mudança de paradigmas teóricos e ideológicos, a expressão era reveladora de um tempo em que aquela cultura política parecia perder relevância, tanto no âmbito político e institucional, como no âmbito intelectual e cultural<sup>2</sup>. Em 1997, António Sousa Ribeiro, numa curta nota de rodapé, aludiu, por sua vez, à pertinência e à importância da configuração, centrada em itinerários políticos e culturais, de «uma fenomenologia do intelectual português»<sup>3</sup>.

Na esteira desta relevante afirmação, o presente estudo procurou proporcionar um olhar detalhado sobre a forma como o marxismo, o socialismo e a esquerda<sup>4</sup> – três continentes contíguos – foram tomando forma em três pensadores portugueses, num período crítico de transição da história recente de Portugal. Concluiu-se que as profundas mudanças políticas, sociais, ideológicas, económicas e culturais resultaram, nos autores estudados, em períodos de sofisticação teórica, mas também de crise epistemológica, em períodos de otimismo político, mas também de «crise profunda da imaginação utópica»<sup>5</sup>, em períodos de profundo

---

<sup>1</sup> Sem autor. Estatuto Editorial. *Plural*, outubro 1983, 2. Entre os principais colaboradores da revista estavam Armando Trigo de Abreu, Jorge Dias de Deus, José Rebelo, Miguel Serras Pereira.

<sup>2</sup> Por «cultura política» entende-se a definição avançada por Jean-François Sirinelli e retomada por Serge Berstein: uma «espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas» a que corresponde uma «vulgata acessível», uma «leitura comum e normativa do passado histórico» e uma «conceção da sociedade ideal». Longe de se apresentar imutável, uma cultura política é um «fenómeno evolutivo», um «corpo vivo» que, não só pode alimentar-se de «outras culturas políticas» como, sofrendo um «traumatismo grave», como uma guerra ou uma revolução, pode colocar em causa a sua própria tradição. BERSTEIN, Serge. A cultura política. Em: Jean-Pierre RIOUX, e Jean-François SIRINELLI, dir. *Para Uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, 349-364.

<sup>3</sup> Particularmente específico, Sousa Ribeiro apontou que esse estudo teria que «começar por se debruçar sobre a trajetória cultural e política de Eduardo Prado Coelho». RIBEIRO, António Sousa. Intelectuais, cultura e literatura em Portugal, 1958-1995. Em: SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa, coord. *Intelectuais, Cultura e Sociedade*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais – FEUC, 1997, 275.

<sup>4</sup> Dada a complexidade e a dimensão polissémica destes três conceitos, optou-se pela sua abordagem e discussão ao longo deste estudo, nomeadamente nos quatro capítulos que o consubstanciam.

<sup>5</sup> TRAVERSO, Enzo. *Melancolía de izquierda – Después de las utopías*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2019, 115.

empenhamento político, mas também de franco desespero, desesperança e até indiferença. Estas variações, que poderão ser por alguns julgadas como contradições, não devem ser entendidas como traições ou pecados teóricos ou políticos, mas, sim, como sintoma de uma significativa independência intelectual e política que os autores sempre procuraram praticar num período particularmente incerto da história recente. Na realidade, essa mesma independência é a chave que permite compreender os seus pensamentos e percursos, as suas flutuações e *nuances*, e, pode afirmar-se, as suas metamorfoses.

Entre os anos de 1968 e 1986, não obstante as profundas mutações da conjuntura política nacional e internacional – e, no caso português, a brusca e profunda mudança de regime resultante do 25 de Abril –, o debate sobre a ideia de esquerda – e, por consequência, sobre o socialismo e o marxismo – permaneceu entre os intelectuais portugueses, e muito particularmente, para o que aqui importa, entre os afluentes de um rio que não tiveram a mesma foz, António José Saraiva, Eduardo Prado Coelho e João Martins Pereira. Mais do que isso, o debate e a reflexão sobre a ideia de esquerda entre os pensadores foram essencialmente dinâmicos, dado que foram compostos por vozes que, procurando enquadrar-se na leitura que iam fazendo do real, estavam a deslocar-se no espectro político, absorviam tendências teóricas e reviam posições ideológicas. Noutros termos, conclui-se que o conteúdo e a forma da intervenção daqueles autores tiveram sempre um carácter transitório, marcados pela flutuação, mutabilidade e transformação.

Com uma abordagem focada em aspetos específicos do compromisso político e da intervenção pública daqueles três destacados pensadores, particularmente na sua participação nas publicações de opinião e em jornais generalistas, mas também na correspondência privada e noutros documentos inéditos, procurou-se – à luz dos debates que envolveram a esquerda ao longo do século XX, particularmente nas décadas que sucederam ao final da Segunda Guerra Mundial – analisar de forma comparativa de que modo foram sendo entendidas, problematizadas e questionadas as ideias estruturantes e fundamentais que identificavam a esquerda, o socialismo e o marxismo. Visou-se, portanto, constituir uma leitura de conjunto do que se pode designar de *unidade pluridimensional*<sup>6</sup>, num período de transformação teórica e ideológica no campo da esquerda.

Dessa forma, observou-se, por um lado, o modo como determinados conceitos e ideias foram tomando lugar no pensamento político de cada um e, por outro, o modo como, a partir

---

<sup>6</sup> Esta expressão é retirada da obra de Michael Löwy sobre os judeus libertários. LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia – o judaísmo libertário na Europa central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 11.

de determinados entendimentos, se revelaram comprometimentos e dissensões, militâncias partidárias e abstenções políticas – ao longo de uma época que abarcou o fim da ditadura do Estado Novo, o período revolucionário de 1974-1975 e a consolidação do regime de democracia representativa. Esse trabalho proporcionou, assim, a identificação das lógicas, ideias e linhas de força que atravessaram a reflexão dos autores e, quando possível, a categorização dos seus ideários, propostas políticas e percursos ideológicos, no quadro dos debates políticos e intelectuais que marcaram a segunda metade do século XX.

Apesar de terem sempre procurado falar em nome próprio, estes três pensadores representaram tendências teóricas, culturais e políticas mais vastas, tornando-se protagonistas destacados – «vozes dominantes», para usar palavras de Tony Judt<sup>7</sup> – do debate público, em Portugal, sobre os caminhos (e dilemas) políticos, culturais, teóricos e ideológicos da esquerda. Pouco suscetíveis às influências político-partidárias, estes homens foram, na senda de muitos intelectuais do seu século, «contornando silêncios e levantando possibilidades»<sup>8</sup> naquela área ideológica – correndo, não raras vezes, o risco do isolamento entre pares. Por essa mesma razão, considera-se que a partir destes autores é possível perceber as principais querelas de uma cultura política em profunda transformação.

A partir da observação daqueles três autores e do estudo comparado das suas posições e percursos<sup>9</sup>, pretendeu-se contribuir para o esclarecimento sobre o papel dos intelectuais nas transformações culturais ocorridas na segunda metade do século XX português. Apesar de se poder considerar exagerada a ideia de que «o discurso e a discussão são os eternos fundamentos motores da Cidade», não é menos verdade que o debate público das ideias políticas cumpre um papel nas sociedades modernas. Se, como afirma Marc Angenot, «nada é mais específico aos estados de sociedade e aos grupos sociais em conflito do que o *argumentável* que neles predomina»<sup>10</sup>, a análise dos discursos e dos trilhos políticos de António José Saraiva, João Martins Pereira e Eduardo Prado Coelho permitiu aprofundar o conhecimento das linhas de força que constituíram a discussão política e ideológica à esquerda ao longo daqueles dezoito anos e alargar, assim, o mapa de estudos dos intelectuais em Portugal.

---

<sup>7</sup> JUDT, Tony. *Past Imperfect - The French Intellectuals, 1944-1956*. Berkeley: University of California Press, 2011, 11.

<sup>8</sup> BEBIANO, Rui. O ensaio, ferramenta de liberdade e inovação. [Em linha]. Coimbra: *As Beiras*, 2021. [consult. 2022-03-06]. Disponível em: [https://www.academia.edu/47728778/O\\_ensaio\\_ferramenta\\_de\\_liberdade\\_e\\_inova%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/47728778/O_ensaio_ferramenta_de_liberdade_e_inova%C3%A7%C3%A3o)

<sup>9</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. Em: René RÉMOND, org. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, 238.

<sup>10</sup> ANGENOT, Marc. Novas proposições para o estudo da argumentação na vida social. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. Ilhéus, 2012, (3), 142-155. Itálicos do autor.

Situando aqueles pensadores na História, procurou-se compreender o seu «deslocamento»<sup>11</sup> no quadro de debates nacionais e internacionais específicos e no contexto específico de acontecimentos e processos políticos entre e além-fronteiras. Mais concretamente, pretendeu-se apreender de que modo as concepções relativas ao marxismo, ao socialismo e à ideia de esquerda se foram modificando, ou não, nos autores aqui entendidos e como estas alterações – por vezes importantes «flutuações semânticas», para utilizar um termo feliz de François Dosse<sup>12</sup> – ou permanências se refletiram nas propostas e posições que foram sendo assumidas. Nesse quadro, projetaram-se estes intelectuais através da heterogeneidade de influências que foram suportando os seus pensamentos e as propostas políticas, tivessem estes como origem os dirigentes da Revolução de Outubro de 1917, os teóricos do liberalismo ou o existencialismo francês.

Quanto à opção por este período cronológico de 1968-1986, diga-se que este coincide com dois momentos fundamentais da história recente do país, concretamente com a chegada de Marcello Caetano ao cargo de Presidente do Conselho, traduzida numa espécie de aceleração da história<sup>13</sup>, e, dezoito anos depois, com a entrada oficial de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE). Nesse aspeto, pretendeu-se compreender num longo prazo, por um lado, os comportamentos e os discursos políticos daqueles três pensadores, e, por outro, as transformações dos debates que cruzaram um período de quase duas décadas de profundas mudanças sociais, políticas e culturais em Portugal, mas também no resto do mundo.

Deve ainda ser referido que aqueles anos-limite comportam uma outra dimensão. Se 1968 coincide com o reforço do processo de questionamento e simultaneamente de sofisticação do marxismo – o qual terá contribuído para o «clima de conflitualidade interna» e para a «crescente complexidade no campo intelectual e cultural» no seio das oposições ao Estado Novo<sup>14</sup> –, o ano de 1986 corresponde já a um certo desenlace dessa discussão, marcado por um labirinto de incertezas teóricas e pelo avanço das teses associadas ao pós-modernismo (e, diga-se, do que muitos designam de neoliberalismo<sup>15</sup>). Em todo o caso, não obstante aqueles dezoito anos terem correspondido a uma época de transição, a reflexão pública sobre a ideia de esquerda – ativa,

---

<sup>11</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais..., 258.

<sup>12</sup> DOSSE, François. *La Marche de las Ideas – historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: Universitat de València, 2006, 77.

<sup>13</sup> Cf. ROSAS, Fernando, e Pedro Aires de OLIVEIRA, org. *A Transição Falhada – O Marcelismo e o Fim do Estado Novo*. Lisboa: Notícias Editorial, 2004.

<sup>14</sup> RIBEIRO, António Sousa. *Intelectuais...*, 119.

<sup>15</sup> Sobre a história do neoliberalismo, ver. RODRIGUES, João. *O Neoliberalismo Não é Um Slogan*. Lisboa: Tinta-da-China, 2022.

dinâmica e, por vezes, metamorfoseada – permaneceu. Por tudo isto, este é um corte cronológico favorável à análise histórica.

Este não é, no entanto, só um exercício historiográfico sobre o *engajamento* político dos intelectuais, designadamente a relação daqueles três autores com diversos projetos políticos e ideológicos e o papel que tiveram ao debater e ao levantar questões relevantes para o campo da esquerda. É também a reconstituição de uma discussão ou, aproveitando novamente as palavras de Tony Judt, «a história de um diálogo»<sup>16</sup>. No caso, a história de um demorado diálogo – umas vezes explícito, outras vezes implícito, ora público, ora privado – entre alguns dos mais proeminentes intelectuais portugueses sobre o passado, o então presente e o futuro da esquerda, em Portugal e no mundo.

### Questões e estrutura do trabalho

Em 1986, Sousa Ribeiro, já aqui referido, avançava com a hipótese de o «panorama intelectual português» se encontrar, naquele momento, dividido de uma forma genérica entre aqueles que, sob uma «sensação de perda não assimilada», podiam ser identificados por uma «atitude de desencanto», e aqueles que surgiam – quase de forma antagónica – conformados com o pós-modernismo, livres de «rigorismos éticos» e adaptados «confortavelmente ao “fim das utopias”». De forma resumida, Sousa Ribeiro identificava, então, um cenário marcado pela «melancolia de uns» e pelo «otimismo dos outros»<sup>17</sup>. Já no século XXI, José Gil acabou, por sua vez, por notar uma certa desafetação da generalidade intelectuais portugueses, provindos de uma cultura política de resistência política e cultural ao Estado Novo, em relação a um futuro antes imaginado e, mais do que isso, pretendido. Gil escrevia desta forma:

[...] no imaginário a *intelligenza* portuguesa formava uma comunidade voltada para o futuro. Tinha projetos. Hoje não tem! Todos tínhamos um sonho utópico, supostamente realizável acabado o salazarismo. Éramos uma comunidade voltada para o futuro. Hoje não há futuro. [...] ele não entra no nosso presente. Por isso se diz que não há possibilidade de mudança [...]. No cerne do nosso presente não existe um estrato constituído pelo futuro. Não estamos voltados para o futuro. E isso [...] cria a paralisia e torna-nos autocomplacentes com o presente<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> JUDT, Tony. *Past Imperfect...*, 10.

<sup>17</sup> RIBEIRO, António Sousa. O Povo e o Público. Reflexões sobre a cultura em Portugal no pós-25 de Abril. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 1986, (18/19/20), 11-26.

<sup>18</sup> GIL, José. *Portugal Hoje – o medo de existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2012, 155.